

□ DÍVIDA EXTERNA

ESTADO DE SÃO PAULO

Sobe cotação de papéis em NY

Após eleição, títulos brasileiros passam a ser vendidos por 25% de seu valor

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para o Estado

NOVA YORK — A eleição de Fernando Collor levou a dívida externa brasileira a ser vendida a 25% em Nova York, no mercado secundário. As expectativas do mercado com a posse do presidente brasileiro são grandes e já se fala numa valorização da dívida de até 30% quando da posse, em março. Poucas pessoas no entanto acreditam que o Brasil conseguirá muito mais do que o México nas negociações com os bancos credores em Nova York. "Acho que é mais uma reação do mercado à eleição de Collor. Quando Lula estava com chances, a dívida brasileira chegou a ser negociada a 19% do seu valor. A diferença é que um

não queria pagar e o outro vai trabalhar com os banqueiros para um acordo", disse Peter Grossman, vice-presidente da corretora Dillon Read em entrevista ao **Estado**, em Nova York. O atual secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, foi presidente da Dillon até ir para a Casa Branca.

A Dillon publica, uma vez por mês, um estudo em que mostra a evolução das dívidas externas dos principais países devedores nos últimos meses e anos. Segundo a visão do mercado, há dois fatores para a atual alta na dívida brasileira. O primeiro é a visão de negócio e a percepção do mercado de que Collor tem reservas e irá atuar com os bancos. O segundo fator é uma notícia publicada na edição do **New York Times**, no domingo, que prevê como planos de Collor a conversão de dívida em capital de risco e privatizações.

Todos sabem, porém, que Collor vai encontrar várias difi-

culdades quando chegar ao Palácio do Planalto. "Se ele tem US\$ 7,2 bilhões em reservas, tem também quase US\$ 5 bilhões em atraso aqui em Nova York já que o Brasil não paga juros da dívida desde julho. Ele terá de adotar um plano econômico rapidamente e ser muito agressivo. Mas quanto tempo isso irá durar? Collor tem nas mãos uma complicada situação política e econômica", analisa Grossman.

Grossman não acredita que o País terá condições internas de pagar aos bancos credores e, segundo os analistas, a negociação será bastante difícil em Nova York. Há, porém, fatores positivos nas contas externas como a taxa de juros preferencial americana prime que está em 10%, seu mais baixo nível em um ano. O barril do petróleo está em US\$ 21 e já se fala em US\$ 18 em março. Também foi lembrado que o Brasil terá algum lucro com a alta das cotações de suco de laranja, café e açúcar.